

Tendências/Debates

Os artigos publicados com assinaturas dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Um Sesquimilenário

TRISTÃO DE ATHAYDE

Mil e quinhentos anos terão passado, ano que vem, desde o nascimento de S. Bento (480), quatro anos após a deposição do último imperador romano do Ocidente (476). Que resta hoje de Odoacro, o depositar de Romulus Augustus? Nada. Nem do rei bárbaro, nem do infimo herdeiro dos césares. Com eles terminava a Antiguidade Clássica. Mas com S. Bento começava a Idade Moderna, através da Idade Média. Ou antes, o período mais sombrio dessa mal denominada "noite de mil anos", em que o espírito imperial foi lentamente substituído pelo espírito eclesiástico, graças aos mosteiros, através dos quais, tanto a semente espiritual judeu-cristã, como a semente intelectual pagã, foram transmitidas aos tempos modernos, ao longo desse sesquimilenário. A figura de S. Bento está, pois, não só na origem do mundo contemporâneo, mas na confluência dessas duas tradições, a espiritual judeu-cristã e a intelectual greco-latina, mas ainda a oriental, pela assimilação das hostes dos Atilas, dos Teodoricos, dos Alaricos, godos, ostrogodos, suevos ou outros povos orientais, que por sua vez se integravam na síntese, espiritual, intelectual e política do mundo cristão, do que iriam nascer os novos tempos depois do Renascimento.

O patriarcado dos monges do Ocidente está assim no estuário da maior conjugação, de que nasceriam nossos tempos, com suas verdades, seus erros, suas tragédias e seus esplendores. Com a fundação de suas células monásticas, Bento de Núrsia prosseguia, pelo método da "estabilidade", na obra multiplicadora de S. Paulo, com as células eclesiásticas ao longo do Mediterrâneo, em direção ao centro universal romano. E quando hoje se apresentam as pequenas comunidades eclesiais de base, como a estrutura mais fecunda da Igreja Universal (mil e quinhentos anos depois do nascimento desse simples estudante de leis, que se tornou monge em Subiaco), tocamos de perto a fibra incomparável e a continuidade desse fio interior de acontecimentos, que nos dão o segredo da resistência multimilenar e sobrenatural da mensagem de Cristo.

A fórmula clássica da regra beneditina — Ora et Labora — Deus e Terra, nos dá a síntese do espírito com que esse obscuro cidadão romano ia mudar os rumos da História. Era a união indissolúvel da Contemplação e da Ação, essas duas faces da condição humana, tal como o estagirita as condensara, mas à luz da lição sobrenatural do Cristo.

A prece, como plenitude do pensamento, era a arma suprema dessa revolução integral, que vinha alterar tão radicalmente os próprios acontecimentos históricos. A primazia do Espírito, como força motora, tanto da vida pessoal como da vida coletiva, era o segredo dessa transmutação de valores. A mensagem de Cristo, guardada nas catacumbas pelo povo miúdo e interpretada por al-



São Bento, estátua do século 17, no Mosteiro de São Bento, Rio.

guns espíritos solitários em suas meditações metafísicas e religiosas, ganhava uma ressonância considerável, através dessa pedagogia do Mestre e do Discípulo e era pouco a pouco difundida, através dos mosteiros, que representavam, na total insegurança desses tempos de forças belicosas e políticas caóticas, oásis de paz e de meditação interior. A autonomia dessas comunidades de paz e de espiritualidade, longe de impedir a unidade da Igreja, era o laço que a reforçava e vinha suprir o esfacelamento das autoridades políticas. Era a vida contemplativa, que vinha garantir a sobrevivência da própria vida social. Era o povo, esparso e ameaçado, que acudia às casas de oração, como fatores essenciais de solidariedade, de segurança e de aperfeiçoamento moral e intelectual.

Por outro lado, era nessas comunidades, ao mesmo tempo religiosas e civis, unidas nos princípios fundamentais do pensamento e da oração, isto é, da Vida Contemplativa, que vigorava simultaneamente o segundo preceito da regra beneditina, que dignificava a Vida Ativa, o Trabalho (considerado uma atividade inferior pelo paganismo), unindo o culto à cultura e a cultura do campo à pedagogia do espírito. A vida ativa vinha assim agrupar-se, teórica e praticamente, à vida contemplativa e garantir a base econômica e política, indispensável ao desenvolvimento da própria vida do Espírito. A vida cidadã nascia assim conjugada à vida monástica. A vida civil à vida religiosa. A ação à contemplação.

Essa a grande virada histórica, que esse obscuro homem de Deus vinha realizar pelo silêncio da vida interior e pela comunidade da vida exterior, que se iam formando no subsolo dessa sociedade em plena transmutação de valores e de instituição.

Também nós nos encontramos, nesta transição do século 20 para o século 21, em estado de transmu-

tação de espírito e de instituições, semelhante a essa passagem do mundo antigo ao mundo medieval, fonte por sua vez do mundo moderno. E a lição de São Bento é tão necessária e providencial hoje, nesta mutação atual de séculos, como o foi há mil e quinhentos anos, em vida do patriarca do monaquismo ocidental. Esse monaquismo, longe de ser apenas um momento histórico desse passado remoto ou uma forma de vida anacrônica, é tanto mais atual quanto mais análogas as circunstâncias que estão demonstrando, numa civilização supertecnológica como a nossa, a necessidade de uma correção dos males trazidos por esse tipo de civilização, seja capitalista seja socialista, em que os valores de Oração e de Trabalho foram isolados um do outro ou marginalizados pela hipertrofia do Capital ou pela subordinação do Trabalho ao Poder político, isto é, o Partido erigido em Igreja. Esse choque dos dois imperialismos, o da Pecúnia e o do Partido-Estado, como fruto de uma civilização, em que tanto a Oração como o Trabalho foram marginalizados, é que está levando a civilização moderna a um choque violento de forças materiais, levadas ao extremo exatamente pela tecnologia armamentista da era nuclear. Essa psicose da energia nuclear é que pode levar toda civilização contemporânea à catástrofe de uma terceira guerra mundial totalitária, em que não haverá vencedores nem vencidos. Essas previsões catastróficas, perfeitamente possíveis na base da própria experiência histórica mais patente, é que nos mostram como a lição de São Bento e de sua época histórica podem e devem levar-nos a comemorar o seu sesquimilenário, não apenas com os olhos no passado mas no presente e no futuro. Hoje, a hipertrofia da Contemplação pelo espírito angelista e a hipertrofia da ação pelo espírito pragmático, erros iguais e contrários em nossa época, nos estão demonstrando que será da fusão entre Contemplação e Ação, entre Oração e Trabalho que a palavra e a obra de São Bento poderão atuar decisivamente em nossos tempos. E, pois, com os olhos no futuro e com a lição do passado que devemos comemorar o que representa de imortal a lição do espírito beneditino, através desses 1.500 anos de sua juventude e atualidade perenes. A lição beneditina é, ao mesmo tempo, espiritual e política, estética e econômica.

O famoso bom gosto beneditino, quando tomado a sério e em profundidade, pode manifestar-se como a forma mais completa da beleza a serviço da verdade e da justiça, pela dignificação do Trabalho, que o paganismo antigo desprezava e pela eficácia da Oração, que o moderno pragmatismo desconheceu.

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) é ensaísta, crítico literário e pensador católico, dos mais influentes de sua geração; foi reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia e autor de vasta obra.